



APROXIMANDO-SE DOS “OSSOS DO OFÍCIO”: PERCEPÇÃO DE GRADUANDOS DE ENFERMAGEM SOBRE MORTE E MORRER

APPROACHING OF “HAZARDS OF THE PROFESSION”: NURSING UNDERGRADUATE PERCEPTION ON DEATH AND DYING

APROXIMÁNDOSE DE LOS “GAJES DEL OFICIO”: PERCEPCIÓN DE GRADUADOS EN ENFERMERÍA SOBRE MUERTE Y MORIR

Eliane Alves Cordeiro¹, Mara Aguiar Ferreira², Cynthia de Freitas Melo³

RESUMO

Objetivo: analisar a percepção dos acadêmicos de Enfermagem acerca do processo de morrer e morte. **Método:** estudo descritivo-exploratório, com delineamento qualitativo, realizado em uma instituição de Ensino Superior privada, localizada na zona Oeste de Fortaleza e que possui o curso o Bacharelado em Enfermagem cujo dados foram produzidos no mês de setembro de 2013 e norteados por um roteiro semiestruturado com nove estudantes. **Resultados:** os dados colhidos foram submetidos à técnica de análise de conteúdo. A análise do material denotou que os discentes possuem inquietações decorrentes do despreparo para lidar com a morte e o morrer e apresentam sentimentos de negação e impotência diante destas vivências. **Conclusão:** verificou-se a necessidade de ampliar e aprofundar a preparação dos acadêmicos sobre a morte e morrer para que haja um melhor manejo das situações de morte por parte dos futuros profissionais. **Descritores:** Morte; Percepção; Estudantes de Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to analyze the perception of Nursing students about the process of dying and death **Method:** descriptive, exploratory study with qualitative design, held in a private higher education institution, located in the western area of Fortaleza with the course in the Nursing Bachelor whose data were produced in September 2013 guided by a semi-structured with nine students. **Results:** the data collected were subjected to content analysis technique. Analysis of the material showed that the students have concerns arising from lack of preparation to deal with death and dying and have feelings of denial and helplessness in these experiences. **Conclusion:** there was the need to broaden and deepen the preparation of students on death and dying so that there is better management of the situations of death by the future professionals. **Descriptors:** Death; Perception; Nursing Students.

RESUMEN

Objetivo: analizar la percepción de los estudiantes de Enfermería acerca del proceso de morir y la muerte **Método:** estudio descriptivo-exploratorio, con delineamiento cualitativo, realizado en una institución de Enseñanza Superior privada, localizada en la zona Oeste de Fortaleza y que posee el curso de Licenciatura en Enfermería cuyos datos fueron producidos en el mes de setiembre de 2013 guiados por una guía semi-estructurada con nueve estudiantes. **Resultados:** los datos recogidos fueron sometidos a técnica de análisis de contenido. El análisis del material mostró que los discentes poseen inquietudes decurrentes de la falta de preparación para lidiar con la muerte y el morir y presentan sentimientos de negación e impotencia frente a estas experiencias. **Conclusión:** se verificó la necesidad de ampliar y profundizar la preparación de los académicos sobre la muerte y morir para que haya un mejor manejo de las situaciones de muerte por parte de los futuros profesionales. **Descriptores:** Muerte; Percepción; Estudiantes de Enfermería.

¹Enfermeira egressa, Faculdade Integrada da Grande Fortaleza/FGF. Fortaleza/Ceará, Brasil. E-mail: alvesforever01@hotmail.com;

²Psicóloga, Doutoranda de Psicologia, Universidade de Fortaleza/UNIFOR. Fortaleza (CE), Brasil. E-mail: aguarmara@hotmail.com;

³Psicóloga, Professora Doutora, Universidade de Fortaleza/UNIFOR. Fortaleza (CE), Brasil. Email: cf.melo@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O mistério, a incerteza e o medo do desconhecido são sensações que definem a morte. Todas essas vivências permeiam a humanidade até os dias atuais e estão presentes nas mais diversas culturas, as quais buscaram respostas nos mitos, na filosofia, na arte e nas religiões para compreender o desconhecido a fim de elaborar a angústia gerada pela terminalidade.¹

É de fundamental importância considerar as transformações históricas pelas quais passou a sociedade no que diz respeito às atitudes diante da morte. Da morte vivida com aceitação e tranquilidade na Idade Média, passando a ser, nos dias atuais, uma vivência permeada de temor e aflição do homem.²

A morte começou a ser estudada cientificamente no final do século passado, como um tema complementar ao estudo da religião. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, a morte deixa de ser familiar e passa a ser vista como um fenômeno abominado, acontecimento a ser adiado e tema socialmente evitado. Um fator importante que ocasionou esta transformação foi a transferência do local da morte. A partir da década de 40, já não se morre em seu domicílio, no meio dos familiares, mas sozinho no hospital, cercado por aparelhos e por cuidadores especializados.³ Deste modo, a morte torna-se um evento cada vez mais característico do cotidiano hospitalar, especialmente no contexto de trabalho dos enfermeiros, responsáveis por maior parte das rotinas de cuidado, o que os leva a terem o maior tempo de contato e interação com o paciente, contudo, o profissional de enfermagem nem sempre é preparado nos bancos acadêmicos para lidar com a morte, mas, sim, com a vida, levando a uma inabilidade técnica e emocional em cuidar daqueles que estão na fase derradeira de suas existências.⁴

A partir dessa necessidade de compreender e capacitar os profissionais de saúde para lidar com a terminalidade, emerge um campo de estudos interdisciplinar denominado tanatologia. Tal área trouxe uma nova perspectiva de compreensão do morrer, definido como o intervalo entre o momento em que a doença se torna irreversível e aquele em que o indivíduo deixa de responder a qualquer medida terapêutica, progredindo para a morte, definida como a cessação definitiva da vida.³

Sabe-se que os acadêmicos de enfermagem são formados para salvar vidas. Cresce,

todavia, a necessidade de estudar e capacitar esses profissionais para lidar com o morrer e a morte. Tais fenômenos ainda são compreendidos no contexto hospitalar e social como um fracasso, de modo que estes profissionais são capacitados para impedi-los ou postergá-los a qualquer custo. Em muitos casos, a falta de preparo para lidar com estes fenômenos, muitas vezes inevitáveis, fazem até com que os profissionais questionem sua competência e vocação e se sintam impotentes e desmotivados.

Dentro dessa perspectiva, a presente pesquisa intencionou contribuir com elementos que podem enriquecer a formação dos acadêmicos de enfermagem. Intenciona fornecer dados que auxiliem na capacitação e preparação dos futuros profissionais de enfermagem, ajudando-os a compreender que o morrer e a morte fazem parte da vida e que devem estar preparados para lidar com os mesmos sem culpa e sem temores.

OBJETIVO

♦ Analisar a percepção dos graduandos de enfermagem acerca do processo de morrer e morte.

MÉTODO

Estudo descritivo-exploratório, com delineamento qualitativo, realizado em uma instituição de Ensino Superior (IES), privada, em Fortaleza, que possui o curso de graduação de Bacharelado em Enfermagem. Seguindo o critério de saturação dos dados,⁵ contou-se com a participação de nove acadêmicos de enfermagem, que atendiam aos seguintes critérios de inclusão: haver concluído a disciplina de estágio supervisionado II; ser concludente do curso de bacharelado em Enfermagem; e ainda ter vivenciado durante este período de prática processos de morte e morrer.

Respeitando os aspectos éticos envolvendo pesquisas com seres humanos e com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará-SES/CE, sob o protocolo de Nº 302.822, para a coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado que englobava duas categorias: (1) a visão sobre a morte e o morrer; e (2) os sentimentos ocorridos no primeiro contato com a morte.

Os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo. Deste modo, foi realizada a descrição das falas dos informantes; a identificação e categorização das falas e a interpretação dos achados com base no referencial teórico adotado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As leituras em profundidade das transcrições das entrevistas possibilitaram a emergência de quatro categorias de análise, apresentadas a seguir:

Percepção dos graduandos de enfermagem sobre a morte e o morrer;

Sentimentos dos graduandos de enfermagem diante da morte e do morrer;

O envolvimento dos graduandos de enfermagem no processo de morte e morrer dos pacientes;

O preparo emocional dos graduandos de enfermagem diante do processo de morte e morrer.

Categoria 1: Percepção dos graduandos de enfermagem sobre a morte e o morrer

Esta categoria ilustra as concepções atribuídas pelos entrevistados sobre o significado da morte e o morrer. A morte e o morrer, apesar de serem processos inevitáveis, não são assuntos simples de serem debatidos, uma vez que, em nossa cultura, são representados pelo pavor e pela negação.⁶

Diante do exposto, percebe-se que o significado de morte apareceu em todos os discursos dos entrevistados e embora todos tenham reconhecido que a mesma faz parte da existência humana, significados diversos e ampliados foram-lhe atribuídos: passagem, incógnita, separação, terminalidade e etapa da vida.

A morte caracteriza-se, eu acho, que em três coisas: na parada, o coração para de bater, o pulmão para de respirar e o cérebro para suas funções. A morte se caracteriza nessas três coisas. (E4)

A falência em s [...] é desistência da vida, é fim de tudo. Eu vejo o morrer como fim de tudo: fim do corpo, fim da alma, o fim de todo aquele indivíduo. (E2)

Pra mim a morte é o que já aconteceu, já foi, e o morrer é que ta acontecendo na pessoa naquele momento [...] (E6)

Os trechos de falas apresentados corroboram a literatura,⁷ que assinala que o conceito de morte é mutável e que cada pessoa tem um significado diferente para este fenômeno. Observou-se ainda o uso do termo “passagem”, que denota uma concepção espiritual do tema central, segundo a qual a pessoa considera a morte como uma transição entre o mundo material e o espiritual, como se vê a seguir:

A morte para mim é uma trajetória, uma continuação da vida em outro plano. Estamos em um plano de uma vida na terra e durante essa transição, essa passagem,

Aproximando-se dos “ossos do ofício”: percepção de...

iremos dar continuidade de vida em outro lugar, o céu, por exemplo. (E8)

[...] eu acho que a morte é uma passagem. (E3)

Percebeu-se, também, conforme denota a literatura,⁷ que os acadêmicos recusam-se a falar sobre a morte e ainda mais a ouvir algo a seu respeito:

Eu confesso que procuro evitar pensar na morte, apesar de saber que vou conviver com isso por conta da minha profissão [...]. A verdade é que ninguém está preparado para morrer. (E3)

Morte é o fim de tudo, é o fim de tudo que você fez, tudo que você cultivou. (E5)

Convém ressaltar que o modo como os discentes entendem a morte, bem como a forma com que se relacionam com este fenômeno, varia ainda de acordo com suas vivências pessoais de perdas anteriores, aspectos que podem repercutir na sua atuação diante da morte e do morrer no contexto de trabalho.

Categoria 2: Sentimentos dos graduandos de enfermagem diante da morte e do morrer

Esta categoria remete aos sentimentos vivenciados pelos graduandos diante de vivências iminentes de morte. Neste sentido, observou-se que o primeiro contato dos estudantes de enfermagem com os sentimentos dos pacientes e familiares deflagrados pela aproximação da morte repercute no modo como se posicionam diante do sofrimento do outro:

[...] é Aquilo me marcou muito. Foi a primeira pessoa que eu vi assim mesmo morrer. Foi muito difícil pra mim. (E5)

[...] então essa senhora terminou acabando não resistindo e veio a óbito. Então foi um momento muito difícil, porque de cara assim, eu nunca tinha presenciado um momento desse. (E4)

Dados esses que corroboram a literatura, que apontam que a dificuldade dos estudantes em enfrentar a morte do paciente deriva da não elaboração dos sentimentos deflagrados pelo contato com a terminalidade.⁸

Destaca-se, ainda, que a morte é penosa, não só para quem experimenta, como também para quem a observa.⁹ Tal fato corrobora o discurso dos entrevistados:

[...] me senti incompetente diante daquela situação...eu me senti impotente, porque tava preparada pra atender paciente, preparada pra salvar. (E2)

É uma sensação de impotência. Você se sente muitas vezes impotente nessa hora, porque você quer ver vivo. (E6)

Observa-se que os discursos vão ao encontro dos achados de pesquisas, que

mostram que a perda de um paciente é um fator que causa ansiedade intensa nos acadêmicos de enfermagem, na medida em que acreditam que poderiam ter salvado a vida do paciente. Sentimentos vivenciados junto com a impotência e a culpa.¹⁰⁻¹

Os participantes também narram, em concordância com a literatura,¹⁰ suas dificuldades no enfrentamento da morte, quando expressam sentimentos de revolta devido à falta de estrutura física adequada e de material de trabalho, afetando a prestação de serviço ao usuário, como mostra os seguintes trechos:

[...] é difícil né, ainda mais sem os recursos, porque a saúde não dá os recursos adequados pra atender a população, né? Poderia ter sido por falta de recurso que esse paciente morreu, por isso você se sente impotente por saber que poderia ter feito alguma coisa. (E9)

Verificou-se nas falas dos acadêmicos de enfermagem alusão a sentimentos de incompetência, pois na medida em que eles se sentem na obrigação de manter o paciente vivo, a morte é considerada uma falha, um fracasso da parte deles, conforme observado nas falas a seguir:

[...] Nossa eu fiquei com medo de mim como profissional, de repente não transmitir firmeza, de demonstrar fragilidade. A situação requer de você uma firmeza[...] Morreu todo mundo saiu e eu fiquei lá olhando pra ele, eu fiquei pensando meu Deus tanta coisa que a gente fez e ninguém conseguiu e morreu e foi fim da vida e fim da história pra essa pessoa! (E2)

[...] o impacto deixa a pessoa assim, você fica com medo, você fica assustado, você fica sem ação, sem saber o que fazer na hora que o paciente está morrendo, sem saber a quem recorrer. (E3)

Convém salientar a magnitude da problemática envolvida com o temor da morte em profissionais de enfermagem, visto que o medo da morte, apesar de ser uma resposta comum,¹³ impede tais sujeitos de elaborarem e vivenciarem bem esse processo, não somente pela angústia que provoca, mas porque os atinge em níveis muito profundos de nostalgia, culpa e remorso.¹⁴

A partir dos relatos dos entrevistados, percebeu-se ainda a presença dos sentimentos de sofrimento e tristeza vivenciados pelos acadêmicos:

A tristeza é por que você quer que a pessoa se reestabeleça[...]A tristeza por que dá a notícia pra família os familiares nos comove muito e você fica muito comovida né[...]; (E8)

Ver a morte é sempre triste não tem como não dizer que não é triste você ver alguém morrer. (E6)

Outro aspecto de destaque nesta categoria, que vai ao encontro da literatura,⁸ refere-se ao discurso sobre o preparo do corpo pós-morte, que é uma atribuição da equipe de enfermagem. Contudo, mesmo sendo uma prática rotineira, os acadêmicos referem tratar-se de um momento muito difícil, permeado por medo e mal-estar:

Medo de como vou preparar esse corpo, como agir medo de tocar no corpo[...] (E3)

[...] eu tinha acabado de ver o paciente falecer, tinha acabado de ver dar a notícia a família e empacotar aquele paciente foi um momento difícil pra mim. Para primeira vez, ver isso é muito difícil: colocaram algodão no ânus, colocaram algodão na boca, no ouvido, em todos os orifícios, que é o correto, mas aquilo pra mim foi tão chocante ver uma coisa daquela ali. (E5)

Categoria 3: o envolvimento dos graduandos de enfermagem no processo de morte e morrer dos pacientes

Esta categoria trata do envolvimento dos entrevistados com o processo de morte e morrer dos pacientes. Constatou-se que os acadêmicos apresentam dificuldades emocionais em lidar com pacientes durante seu processo de morte e morrer, o que pode ser explicado por suas concepções acerca da morte, caracterizada como perda, dor, finitude, a qual gera sofrimento, em decorrência da dor, revolta e sofrimento dos familiares.¹⁶

Muitas vezes, a morte causa um sofrimento tão intenso que estudantes costumam levar os sentimentos de frustração para casa e não encontram espaços no âmbito familiar para a elaboração do sofrimento e angústia gerados pelo trabalho.¹⁶ Por outro lado, o contato com a finitude pode deflagrar mecanismos de projeção e com isso pensamentos de que a morte irá acontecer consigo próprio ou com alguém próximo,¹⁷⁻⁸ como exposto a seguir:

[...] eu vivenciei mesmo, vivencie o sofrimento da família e tudo. Eu cheguei em casa e passei ainda umas duas semanas ruim, como se fosse acontecer algo com minha família. Eu ia dormir e ficava com aquele pensamento de pena da família, de pena de ter visto aquilo, de ter vivenciado, foi meio complicado. [...] um sentimento de medo e perda como se fosse uma pessoa minha. (E5)

Observou-se, ainda, que os acadêmicos de enfermagem não sabem como agir diante das famílias, tanto de doentes em fase terminal como de pacientes que morreram:

A gente tem que ter sabedoria pra preparar o familiar, quando você sabe que o paciente tiver muito grave e ele pode realmente morrer aí de certa forma né você já tem que conversa com os familiares né, passando a real situação do paciente isso aí de fato é preparo né e agente como profissional vai ter essa dificuldade, pois é muito difícil [...]. (E8)

[...] enfermeiro acompanha diretamente a evolução deste paciente e sua família, e é a pessoa mais próxima que poderia e deveria dar suporte emocional e sentimental, fazer com que a família aceite esta perda e suporte da melhor maneira. (E7)

Conforme exposto nas falas acima, os alunos demonstraram dificuldade em lidar com o processo de morte e morrer dos pacientes assistidos em estágio. Segundo dados de outros estudos,^{19,20} isso acontece devido à inabilidade desses profissionais em formação de lidar com os sentimentos provocados pela aproximação da morte, o que os leva a não se envolverem com os familiares, dedicando-se exclusivamente aos cuidados técnicos e burocráticos, esquivando-se assim de um contato mais próximo.

Categoria 4: o preparo emocional dos graduandos de enfermagem diante do processo de morte e morrer

Nesta categoria, contemplou-se a capacitação psicológica do acadêmico para lidar com situações críticas, que demandam ação, agilidade e habilidade. Refere-se ao preparo mental do futuro enfermeiro para vivenciar circunstâncias em que a morte torna-se inevitável.

Segundo alguns entrevistados, a morte e o morrer são vistos como eventos difíceis de conviver, embora os mesmos relatem que seja de fundamental importância se apropriar desse conteúdo ao longo da sua formação. Por outro lado, eles se queixam da escassez de oportunidades de capacitação para o enfrentamento de tais fenômenos, aspecto reforçado pela literatura.²¹

Quando questionados sobre como percebem a capacitação que recebem ao longo de sua formação acadêmica para lidar com os processos de morte e o morrer, foi constatada uma insatisfação geral. Os entrevistados foram unâimes ao afirmar sobre a insuficiência curricular neste aspecto de seu desenvolvimento profissional. Mostrou-se patente no discurso dos discentes que este importante tema de sua formação ainda carece de investimentos:

Eles não preparam a gente pra uma coisa dessa. Eu acho que a gente sai muito despreparada em todos os sentidos. [...]. A

gente vai lidar com a morte e a gente não está preparada para isso. (E5)

Durante a faculdade a gente não é preparado para aquele impacto. (E9)

Discursos em consonância com a realidade dos cursos de graduação, que ainda dão pouco ou nenhum destaque à tanatologia e à preparação emocional para o enfrentamento da morte.¹² Temas que deveriam ser debatidos e aprofundados desde a escola, de forma contextualizada com a realidade, através de disciplinas transversais abordando temas como perda, separação, envelhecimento, processo de luto.²

[...] a faculdade deveria proporcionar isso na prática. Ir ao IML, talvez estágio no pré-hospitalar, para que os alunos antes mesmo de se formarem tivessem contato diretamente com a morte, pra eles se sentirem mais preparados, pois só estágio de supervisionado II é muito curto pra vivenciamos isso. As vezes nem chegamos a vivenciar. (E1)

[...] deveria fala-se mais da morte, através de filmes, vídeos, palestras. Acho que assim seria uma boa preparação. (E3)

Observou-se também que alguns entrevistados relatam ter visto esse assunto exclusivamente na disciplina de Psicologia, mas que a prática é diferente da teoria e que precisam vivenciar a situação para aprender a conviver e enfrentar melhor este fenômeno.

[...] o estágio não me preparou. A psicologia foi a única disciplina que foi trabalhada, mas experiências em si foram poucas. Nós trabalhamos mais o cuidar, mas falta trabalhar também o cuidar do fim. (E2)

Assim, reforça-se as colocações de que o curso de enfermagem deixa uma lacuna de conhecimento em tanatologia na formação dos estudantes⁶, favorecendo a emergência de sentimentos de medo e insegurança em situações de perda, luto e separação. Nesta perspectiva, o discente não se encontra preparado para lidar com a dura rotina do trabalho, fazendo com que os profissionais deixem de assistir os pacientes em suas necessidades psicossociais nos momentos que antecedem à morte, inviabilizando um importante aspecto da humanização em saúde.

CONCLUSÃO

O estudo realizado denotou que profissionais de saúde, sobretudo os graduandos de enfermagem, cuja formação está focada no salvar vidas, têm enfrentado um ambiente de constante frustração e sofrimento quando não há possibilidade de cura para o paciente sob seus cuidados.

Consideram-se impotentes e angustiados ao se deparar com a morte e o morrer, vivenciando assim um processo doloroso e de difícil aceitação. Os entrevistados denotaram possuir uma compreensão restrita e simplista do significado de “morrer”.

Com base na pesquisa realizada, vislumbra-se a necessidade de ampliar e aprofundar a preparação dos acadêmicos ao longo de todo o curso, não se restringindo a uma única disciplina específica. Torna-se importante oferecer seminários, palestras de sensibilização e ampliação do campo de estágio que viabilizem o contato com a morte com mais constância. Nesse contexto, reforça-se a pertinência do trabalho em parceria com profissionais de psicologia para trabalhar e elaborar os sentimentos suscitados no campo.

Estudar a morte é algo que pode ajudar a trabalhar com sua constante presença, surgindo daí a necessidade dos acadêmicos tornarem-se familiarizados com a morte e o morrer desde a graduação, com vistas a um preparo pessoal e profissional a fim de reduzir o estresse e a impotência. Desse modo, torna-se fundamental proporcionar ao profissional a elaboração e o esclarecimento de suas preocupações diante do desconhecido para que seja capaz de manter uma relação interpessoal de ajuda, que é a essência do ato de cuidar, tanto com o paciente, que necessita ser ajudado nessa fase de sua vida, quanto para com seus familiares.

Assim, sugere-se o enriquecimento desta pesquisa com outros estudos de natureza quantitativa, que englobem temas sobre como lidar com a família no pós-morte, a saúde mental do profissional que tem a morte como variável constante do seu ofício.

REFERÊNCIAS

1. Zorzo JC C. O processo da morte e do morrer da criança e do adolescente: vivências dos profissionais de enfermagem. *Rev Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2004 Jan-Mar [cited 2013 May 29];18(1):41-7. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n1/v18n1a05.pdf>
2. Souza LGA, Boemer MR. O cuidar em situação de morte: algumas reflexões. *Medicina (Ribeirão Preto)* [Internet]. 2005 [cited 2012 June 28];38(1):49-54. Available from: www.revistas.usp.br/rmrp/article/download/424/425
3. Klüber-Ross E. Sobre a morte e o morrer. 8th ed. São Paulo: Martins Fontes; 1998.
4. Moritz RD, Nassar SM. A atitude dos Profissionais de Saúde Diante da Morte. *Rev Bras Ter Intensiva* [Internet]. 2004 Jan-Mar [cited 2012 July 23];16(1):14-21. Available from: http://www.amib.com.br/rbti/download/artigo_2010622185336.pdf
5. Bastos, NMA. Introdução à metodologia do trabalho acadêmico. 5th ed. Fortaleza: Editora Nacional, 2008.
6. Sousa DM de. A vivência da enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos. *Rev Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2009 Jan-Mar [cited 2012 May 29];18(1):41-7. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n1/v18n1a05.pdf>
7. Souza ZMB. Por que estudar a morte e o morrer. In: ESCUDEIRO, A. Reflexões sobre morte e perda. 2.ed. Fortaleza: LC Gráfica e Editora; 2011. 200p.
8. Oliveira JR, Brêtas JRS, Yamaguti L. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2007 Jan-Mar [cited 2012 July 23];41(3):386-94. Available from: www.ee.usp.br/reeusp
9. Brêtas JRS, Oliveira JR, Yamaguti L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2006 Jan-Mar [cited 2012 July 23];40(4):477-83. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n4/v40n4a04.pdf>
10. Shimizu HE. Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer. *Rev. Bras Enferm.* Brasília [Internet] 2007 May-June [cited 2012 May 29];60(3):257-62. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n3/a02.pdf>
11. Costa JC da, Lima RAG de. Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer. *Rev Latino-am Enferm* [Internet]. 2005 Mar-Apr [cited 2012 May 29];13(2):151-7. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n2/v13n2a04.pdf>
12. Oliveira WIA, Amorim RC. A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. *Rev gaúch enferm* [Internet]. 2008 [cited 2012 July 24];29(2):1918. Available from: <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/5580/3191>
13. Tada INC, Kovacs MJ. Conversando Sobre a Morte e o Morrer na Área da Deficiência: psicologia, ciência e profissão.[Internet]. 2007 Mar [cited 2012 July 23];27(1):41-7.

- Available from:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932007000100010&lng=pt&nrm=iso
14. Barbosa LNF, Francisco AL, Efken KH. Morte e vida: a dialética humana. **Aletheia**. [Internet]. 2008 Dec [cited 2012 July 23];28:41-7. Available from:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942008000200004&lng=pt&nrm=iso
15. Kuster DK, Bisogno SBC. A percepção do enfermeiro diante da morte dos pacientes. **Disc. Scientia. Série: Ciências da Saúde**. [Internet]. 2010 Jan [cited 2012 July 23];11(1):9-24. Available from:
<http://sites.unifra.br/Portals/36/Saude/2010/02.pdf>
16. Askowiak CR, Zamberlan P, Fontana RT. Processo de morte e morrer: sentimentos e percepções de técnicos em enfermagem. **Revista pesquisa cuidado e fundamentos**. [Internet]. 2013 Jan-Mar;5(1):31-5. Available from:
http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/view/1995/pdf_711
17. Coyle N, Ferrell BR. An overview of palliative nursing care. **Am J Nurs** [Internet]. 2002 [cited 2012 Dec 9];102(5):26-32. Available from:
http://journals.lww.com/ajnonline/Citation/2002/05000/An_Overview_of_Palliative_Nursing_Care_Studies.30.aspx
18. Rodrigues IG, Zago MMF. A morte e o morrer: maior desafio de uma equipe de cuidados paliativos. **Ciências Cuidado Saúde** [Internet]. 2012 Jan-Mar [cited 2012 May 29];11(sup):31-8. Available from:
<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CienCuidSaude/article/view/17050/pdf>.
19. Berniery J, Hirdes A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. **Texto contexto - enferm** [Internet]. 2007 Mar [cited 2014 Apr 04];16(1):89-96. Available from:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072007000100011&lng=en
20. Sanches PG, Carvalho MDB. Vivência dos enfermeiros de unidade de terapia intensiva frente à morte e o morrer. **Rev Gaúcha Enferm** [Internet] 2009 June [cited 2012 may 29];30(2):289-96. Available from:
<http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/3294/6687>
21. Santos JLS, Bueno SMV. Educação para a morte a docentes e discentes de enfermagem: revisão documental da literatura científica. **Rev Esc Enferm USP** [Internet]. 2011 [cited 2012 July 23];45(1):272-6. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342011000100038

22. Pessoa RL, Germano RM, Menezes RMP, Tourinho FSV, Malveira FAS. Percepção de estudantes de enfermagem sobre a morte e o morrer: revisão de literatura. **J Nurs UFPE on line** [Internet]. 2013 Dec [cited 2012 July 23];7(spe):7127-32. Available from:
http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3250/pdf_4284

Submissão: 23/12/2014

Aceito: 08/05/2015

Publicado: 01/06/2015

Correspondência

Cynthia de Freitas Melo Lins
Av. Sargento Hermínio 1415, Ap. 1503-A,
Violeta
Bairro Monte Castelo
CEP 60320-105 – Fortaleza (CE), Brasil